

UM CORPO IMENSIDÃO

Ruth Torralba

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

ruthtorralba@gmail.com

RESUMO

Numa perspectiva ético-estético-política da clínica importa colocar em xeque as dualidades corpo-psíquico e mesmo o caráter estrutural e modal da subjetividade enquanto um eu psicológico, centrado no indivíduo. Trataremos o corpo como obra inacabada, enquanto processo infinito: um corpo em movimento. O corpo humano, posto que está sempre em movimento, se diferencia dos outros corpos que ocupam de forma estática o espaço. O corpo em movimento se compõe com o espaço, se cria no espaço. A subjetividade é então compreendida como um movimento infinito que comporta processos de desmedidas de si, afirmando os processos de subjetivação como perda ou quebra dos limites definidos do eu. A abordagem que traremos do corpo nesse trabalho consiste em oferecer ao campo de estudos da subjetivação uma aproximação entre a experiência da dança e da clínica num movimento que afirme uma abertura do corpo à experiência sensível. Propomos uma experiência com o corpo num processo de dilatação intensiva dos limites topológicos do eu, num plano de continuidade com os objetos e forças do mundo: um corpo imensidão.

O azul me descortina para o dia.

Durmo na beira da cor.

(...) Não sei mais calcular a cor das horas.

As coisas me ampliaram para menos

Manoel de Barros

Numa perspectiva **ético-estético-política** da clínica e da subjetividade importa colocar em xeque as dualidades corpo-psíquico e mesmo o caráter estrutural e modal da subjetividade enquanto um eu psicológico, centrado na imagem do indivíduo. Nessa perspectiva abordaremos o corpo como experiência paradoxal, limiar entre corpo e psiquismo, consciente e inconsciente, corpo-organismo e corpo intensivo. Trataremos o corpo como obra inacabada, enquanto um processo infinito: **um corpo em movimento**. O corpo humano, posto que está sempre em movimento, se diferencia dos corpos que ocupam de forma estática o espaço. O corpo em movimento se compõe com o espaço, se cria no espaço: está e não está ali, está sempre escapando.

A subjetividade é então compreendida como um **movimento infinito** que comporta processos de **desmedidas de si**, afirmado os processos de subjetivação como perda ou quebra dos limites definidos do eu. É assim imprescindível distinguir os conceitos de indivíduo e de subjetividade. O modo-indivíduo que toma força na Modernidade é o resultado de um processo de subjetivação que tem centralizado o sentido de si num eu fechado, individualizado e separado, por tanto desvinculado, do modo de produção social.

Nessa perspectiva, resistir ao poder é criar linhas disruptivas que se confrontem com as forças que tendem a individualizar o corpo e massificar o desejo, dando passagem a novas sensibilidades e a novos modos de perceber o mundo que possam criar contornos singulares para a experiência de si. Trata-se de uma “**revolução molecular**”, dirá Felix Guattari, uma revolução que podemos dizer que se interpela no plano das pequenas percepções, no antes de um movimento codificado, no antes de um olhar que objetifica. Um

acontecimento que abre o corpo ao plano das forças e das intensidades invisíveis, porém sensíveis do mundo. Podemos afirmar que a micropolítica que insurge contra a força de massificação da subjetividade deve interferir no corpo através de uma política do sensível que comporte os processos de desmedidas de si e que confronte o corpo com experiências antes da palavra e do sentido pronto para que novos sentidos ganhem velocidade expressiva.

O paradigma da clínica aqui proposto é **ético** por se colocar frente à força de dominação dos imperativos do Eu; é **estético** por entender que a experimentação subjetiva pode ser matéria de criação de si; e é **político** por se colocar inevitavelmente frente à massificação de corpos individualizados, na qual a experiência sensível e experimentada como ameaça a organização e controle do indivíduo.

O **paradigma ético-estético-político** da clínica coloca como condição de possibilidade do encontro a sustentação de uma experiência de deslimites, de abertura do corpo ao plano intensivo da vida para que a vida se agite no corpo, possibilitando o movimento de criação incessante de si. Propomos uma experiência com o corpo num processo de dilatação intensiva dos limites topológicos do eu, num plano de continuidade com os objetos e forças do mundo: um **corpo imensidão**.

Para melhor compreendermos esse plano de continuidade do corpo com o espaço que coloca a subjetividade como experiência errante, é preciso entender o conceito de consciência para além da consciência de si reflexiva que organiza e controla o corpo. Nesse ponto a própria noção de sujeito da

experiência é posta em xeque, fazendo aparecer um sujeito que se faz na experiência, uma subjetividade errante, um corpo que é um movimento para...

Esse movimento acontece por um deslocamento da **experiência sensorial**, indispensável na inauguração de um novo modo de perceber e na criação de um novo gesto. Entendemos a experiência sensorial como estado germinal para a criação de sentidos, do conhecimento de si e do mundo. Nessa perspectiva, os sentidos emergem via experimentação corporal, sensorial e intensiva e não como representação de uma idéia dada de antemão ao ato de criação. Sentidos que se criam em ato, como continuum daquilo que é sentido, daquilo que experimenta o corpo no instante-já do movimento. Esses sentidos são ‘sentidos’ pelo corpo, acontecem via sensação. Eles abrem o corpo como matéria a ser sempre re-desenhada, a ser re-feita. O sentido da abertura se faz por uma possibilidade de sustentar o não-saber e permitir que um saber-sentir então se inaugure.

Como nos dirá Deleuze (2007) em “**Lógica da Sensação**” é próprio da sensação ser “mestra das deformações”. (p.43). A sensação opera uma deformação no modo de ser habitual, inserido o novo, fazendo aparecer o fora do sujeito na experiência subjetiva. É, por outro lado, próprio da sensação se apresentar como uma experiência paradoxal: a sensação se faz no corpo e pelo corpo, o corpo é tanto objeto como sujeito de sua sensação. Como dirá Deleuze “não há sensações de diferentes ordens, mas diferentes ordens de uma mesma sensação” (p.44). A lógica da sensação faz o corpo se apresentar como **carne**, como uma experiência que vibra no encontro com o mundo, dimensionando o corpo para além dos limites do organismo. Por isso, não se trata mais de um corpo como realidade objetiva, mas um corpo pleno em

movimento intensivo. A sensação opera deformações ativas no corpo, que colocam em movimento suas potencialidades sensíveis. O corpo agora está em carne viva, é um corpo pleno intensivo.

Na lógica da sensação, a experiência de si é um transbordamento, um deslimite, que traça uma quebra, uma fissura na experiência-corpo. Toda experiência intensiva se faz no limites de si, na beira do *self*, o que nos convoca a problematizar os limites da organização de um corpo para que a força da vida possa fazer dançar a carne.

No entanto, entendemos que a idéia de organização da subjetividade centralizada no eu é um modo que opera e impera no mundo atual. Colocamo-nos como questão a possibilidade dos movimentos de deslimites de si serem experimentados sem assombro. Convocamos assim um movimento de acompanhar a experiência de abertura. Uma experiência paradoxal que inaugura um duplo lugar na experiência subjetiva onde se é ator e observador. Encontramos um suporte metodológico para esse duplo movimento que sustenta a abertura do corpo no trabalho de **Conscientização do Movimento de Angel Vianna**. Uma concepção de consciência do corpo advinda da dança que equivoca o entendimento clássico de consciência, dando primazia ao corpo nos processos de criação e cuidado.

Podemos afirmar que a Conscientização do Movimento propõe um conhecimento pela via da experimentação corporal através de uma escuta atenta para a experiência sensorial, afirmando o corpo em movimento como abertura às forças da vida. Afirmando que cada corpo é um universo singular, o processo de criação, não se opera por imitação e desempenho de uma

movimentação já dada, mas por um mergulho intenso e convulsionado na **carne própria**. Entendemos sua abordagem do movimento como um procedimento de abertura do corpo, de descondicionamento dos padrões habituais de sentir, perceber e se mover, afirmando o corpo em movimento como saúde do ser.

Nessa perspectiva de experimentação com o corpo, a consciência é paradoxal, está sempre num estado de osmose intensiva com o corpo. É assim uma consciência do corpo: um estado de abertura do corpo ao mundo, uma instância de recepção de forças e de devir formas, intensidades e sentidos do mundo (GIL, 2004). A consciência do corpo não se limita ao corpo: possibilita captar as vibrações mais sutis do instante-já, ao mesmo tempo em que inaugura um novo modo de sentir, perceber e pensar.

Podemos afirmar que a consciência do corpo é condição de possibilidade para a abertura do corpo ao plano intensivo. Na consciência do corpo é com as forças e o plano invisível e intensivo do mundo que o corpo se conecta. Momento em que o corpo faz dançar o pensamento: mergulha-se num processo onde não se está apenas conectado com as sensações do corpo em movimento, mas com os sentidos do movimento, seu contexto, o espaço que o circunda, as forças que o compõem, seus ritmos e variações, abrindo o corpo para uma experiência dilatada com o tempo, com o espaço exterior e com o espaço do próprio corpo. Se como afirma Gil, a consciência é um sistema de energia, o corpo se expande para além dos seus limites e o pensamento não é mais pensamento de alguém, é um **pensamento-mundo**. No entanto, é o corpo enquanto experiência errante que abre o pensamento ao mundo.

Não podemos mais falar de corpo, mas de **processos de corporeidade**. Assim como não nos interessa pensar o sujeito da experiência enquanto uma estrutura fechada no modo-indivíduo, não abordaremos o corpo como uma estrutura pronta e acabada. Interessa aqui apontar os processos de criação de corporeidades, afirmando o corpo em movimento infinito. Podemos dizer assim que a experiência com o corpo equivoca a onipotência do eu da consciência e dimensiona o ser nas dobras do mundo, encontrando assim um plano de indiscernibilidade com seus deslimites. O sentido de si, oferecido pela consciência do corpo segue um movimento impessoal que desloca a noção do *eu* enquanto estrutura fechada, dimensionando a subjetividade enquanto um infinito movente. **Um corpo para além das medidas do eu.**

Na experimentação na clínica e na dança, percebemos que o que sustenta a abertura é um instante no qual o corpo é lançado no movimento, quando ele é convocado a ficar atento e curioso como os felinos antes de darem o salto. Para tanto, como nos ensina Angel Vianna é preciso “estar no aqui, no agora, tomando conta de seu corpo” (VIANNA Apud TEIXEIRA, 2009). Angel Vianna nos ensina que para criar é preciso ampliar a sensopercepção através de um fazer que é também um cuidar. Para entrar no movimento de desmedidas de si, de deformação ativa da experiência sensível é preciso doses de prudência, é preciso habitar o instante-já da experiência de deslimites: tomar conta do corpo em abertura infinita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, M. (1993) *O livro das ignorâncias* Rio de Janeiro: Editora Record.

DELEUZE, G. (2007) *Lógica da Sensação* Rio de Janeiro: Zahar.

GIL, J. (2004) *Movimento Total: O corpo e a dança* São Paulo: Iluminuras.

TEIXEIRA, L. (2000) “Angel Vianna: a construção de um corpo” In *Lições de Dança 2* Rio de Janeiro: UniverCidade Editora.